

A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO DAS DIFERENTES TERRITORIALIDADES SUBJETIVAS URBANAS DE SANTA CRUZ DO SUL

Elisangela Rudiger Johann
Adriano Emmel
Adriane Garippe Johann

Resumo: O objetivo deste trabalho visa analisar a territorialidade subjetiva na área urbana do município de Santa Cruz do Sul/RS, especificamente nas ruas centrais da cidade. Compreendendo as diferentes territorialidades subjetivas presentes em um espaço urbano e exemplificando essas territorialidades. Analisando como os grupos sociais utilizam o espaço das ruas, e quais são seus diferentes usos seja cultural, econômico ou social. Perceber a importância do conceito de identidade de uma região, os elementos culturais que caracterizam as práticas sociais em um tempo e espaço definidos. A fotografia apresenta importância vital na compreensão dessas territorialidades no contexto urbano de Santa Cruz do Sul.

Palavras Chaves: Território, territorialidade, sociedade, identidade, cultura, urbano e fotografia.

1 INTRODUÇÃO

Santa Cruz do Sul localiza-se na Região do Vale do Rio Pardo no estado do Rio Grande do Sul, é um município com quase 120.000 habitantes, sendo a maioria da população urbana com 88,86% e população rural 11,14%, segundo os dados do censo do IBGE. A cidade se caracteriza por ser um pólo econômico regional, centralizando diversos serviços, o que ocasiona na atração diária de pessoas para estudo, trabalho, compras, turismo, entre outras.

A área central da cidade é caracterizada pela concentração de estabelecimentos comerciais (lojas de eletroeletrônicos, lojas de roupas e calçados, bazares, supermercados, restaurantes, choperias, lancherias), estabelecimentos bancários (agências bancárias, de crédito e loterias), escolas, órgãos públicos (municipal, estadual e federal).

O uso desse espaço da área central da cidade é caracterizado por diferentes grupos sociais, que circulam e se apropriam desse espaço conforme suas necessidades constituindo diferentes territórios. Assim o que motiva o estudo é analisar se ocorre uma variação de territorialidades, devido essa dinâmica social de apropriação do território.

A identidade territorial é um conjunto de elementos culturais que demarcam espaços, e a cultura representa de forma significativa a formação e a construção da identidade de um indivíduo em uma sociedade. Por meio da cultura valorizamos as identidades, que são construídas socialmente. As tecnologias da informação e comunicação (TIC) são conjuntos de sistemas de comunicação, tecnologias e redes integradas que se convergem, facilitando a troca de informações e experiências entre indivíduos. Com o avanço da tecnologia a identidade do local é observada, identificando novos significados de uma dada sociedade. Sendo assim a fotografia possibilita a representação de novas construções ao lugar e, conseqüentemente, às suas identidades. A fotografia se constitui de uma ferramenta indispensável para essa análise, pois com panorama comparativo visual da ação social no território, em diferentes temporalidades ao longo do dia e da semana, proporciona uma identificação e avaliação das territorialidades geradas.

O trabalho pretende analisar as territorialidades subjetivas existentes na área urbana do município de Santa Cruz do Sul/RS, especificamente nas ruas centrais da cidade. Analisando e compreendendo o processo de construção e a diversidade das identidades culturais proveniente de várias raízes sociais por meio das manifestações representativas do seu cotidiano.

Foi realizada nessas áreas uma pesquisa exploratória fundamentada na observação in loco e fotográfica, na qual procurou captar as práticas sociais e culturais que constituem um território. Pretendendo a partir da análise e contextualização das informações, constatar que um mesmo espaço pode abrigar vários lugares, que a territorialidade é dinâmica, levando a encarar o lugar como uma construção social.

E avaliando no caso qual o fator preponderante das subjetividades do território focando nas intervenções sociais, pois é a sociedade que cria e recria as funcionalidades do território.

2 A CIDADE E O TERRITÓRIO

2.1 Territorialidades Urbanas subjetivas

A cidade deve ser pensada como reflexo das práticas dos agentes produtores do espaço urbano, são diferentes usos que se conflitam entre si. Conforme Correa (2008) e Lencione (2008) a cidade é um produto social, da relação homem com o meio, sendo fator marcante para o desenvolvimento regional.

Trindade(1998), evidencia que é importante ter uma compreensão do espaço urbano, não apenas visando como um produto da sociedade, mas considerar também como condição e meio de toda realização da dinâmica social.

Conforme Lencione (2001) o espaço vivido é constituído a partir das concepções das pessoas e revelador das práticas sociais, passou a ser referência central no enfoque urbano, surgindo novas discussões de como o espaço é percebido, quais as percepções, significados e valores modelados pela cultura e pela estrutura social que são atribuídos ao espaço.

Correa (1996) apresenta cidade como espaço urbano que pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Sendo assim seus espaços podem evidenciar as ações de determinadas parcelas da população, de suas relações e conexões com a estrutura social, processos e funções urbanas. E essa relação pode ser consensual ou conflitante, vai depender do contexto sócio territorial.

Correa (1996) apresenta o espaço urbano como sendo múltiplo, podendo ser fragmentado e articulado, reflexos das condicionantes sociais, um conjunto de símbolos e identidades e um campo de lutas.

Bonnemaison (2002) ressalta a fundamental importância de entender o território, inicialmente através das relações cotidianas no espaço vivido e apropriado que cada grupo de sujeitos evidencia através de suas relações culturais. O território também abrange trajetos ou itinerários que se dão pelo movimento e são estabelecidos através de diferentes escalas, formando um conjunto de lugares. Bonnemaison afirma que:

...um território antes de ser uma fronteira é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. (...) A territorialização (...) engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade, em outras palavras, tanto os itinerários quanto os lugares. (Bonnemaison, 1981, p 253-254).

Assim para Bonnemaison (2002), o território não está diretamente relacionado a fixação espacial, o autor traz a ideia de movimento da relação dos grupos sociais sejam elas afetivas ou culturais, que desenvolve uma territorialidade e delimita o território.

Conforme Pecqueur (2004) os territórios possuem dois tipos de recursos, sejam eles sócio-culturais ou ambientais: os genéricos e os específicos, ou seja os recursos genéricos quando transformados em produto geram renda, e o seu valor é definido independentemente da forma como o processo de produção se deu, possuem valor pelos

seus valores de troca determinados pela oferta e demanda do mercado, não produzindo uma caracterização identitária do local. Os recursos específicos são definidos por valores de uso, é o conhecimento do indivíduo adquirido e transmitido para o uso comum, sendo impossível de dar um valor a eles.

Com uma visão diferente de Raffestin, Haesbaert conceitua território não unicamente nas dimensões políticas e econômicas, ele acrescenta a dimensão cultural. O autor afirma:

Podemos então sintetizar afirmando que território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou o controle políticoeconômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo conforme as classes sociais os grupos territoriais e as escalas geográficas que estivermos analisando. (Haesbaert, 2005, p. 121)

Para Gomes (2008, p.38) a apropriação identitária ou sentimental de um espaço, não é a projeção, perfeita, completa de um território. Limitando muito sua concepção a análise relacional e funcional do território.

Raffestin considera que a territorialidade seria "um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema". (RAFFESTIN, 1993:160). Assim avaliando os fatores envolvidos nessa relação dinâmica, ocorre a possibilidade da classificação de vários tipos de territorialidade, desde as mais estáveis às mais instáveis. Segundo Saquet:

(...) as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas, efetivam o território(...) no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na e da territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades/territorialidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios homogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais. (SAQUET, 2003/2001, p.28).

Costa (2008) destaca a existência das microterritorialidades urbanas, que através das relações de vivência dos grupos culturais se estabelecem, com o encontro ou reunião de pessoas que compartilham necessidades, comportamentos, gostos e desejos comuns em um mesmo espaço.

2.2 Identidade Cultural

Hall (2003) relaciona a cultura como um conjunto de fatores representativos e significativos que refletem as experiências comuns da sociedade. Para Willians a cultura é algo da ordem do dia, o ordinário, de significações comuns da vida.

Já que a nossa maneira de ver as coisas e literalmente a nossa maneira de viver, o processo de comunicação, de fato, é o processo de comunhão: o compartilhamento de significados comuns e, daí, os propósitos e atividades comuns; a oferta, recepção e comparação de novos significados, que levam a tensões, ao crescimento e a mudança.
(HALL, 2003, p.135).

Falar em cultura é falar da produção artística cultural e de todas as práticas sociais que estão impregnadas de formas culturais do fazer, o significado que o homem dá as coisas, de simbolismo e representações. Segundo Hall (2003) o primeiro conceito de cultura é o domínio das idéias, e o segundo conceito se refere as práticas sociais, apoiado nos estudos antropológicos, relacionando a cultura como um modo de vida. Para o autor a cultura não é uma prática e nem a soma de conjuntos de costumes e culturas populares das sociedades, e sim, é o estudo da organização, é a capacidade de compreender, analisar e entender como as inter-relações das práticas sociais são vividas e experimentadas como um todo.

Para Hall(1997a) as identidades sociais são construídas no interior da representação por meio da cultura, sendo o resultado de um processo de identificação na qual nos posicionamos frente as definições das práticas sociais, caracterizando o indivíduo como um ser que interpreta e estabelece sentidos. Toda a ação social é cultural, e estas práticas sociais resultam em um significado de ação, portanto são práticas de significação.

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997^a, p.8)

Conforme Canclini (2007) a cultura pode ser o resultado de comportamentos (dos produtores, intermediários e consumidores) que desenvolvem com certa regularidade. As identidades não tem consistência fora das construções históricas em que foram inventadas e

dos processos em que se decompõem e se esgotam. Segundo estudo feito sobre a identidade, ela não é considerada como a essência de uma etnia ou de uma nação e sim um conjunto de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos numa narração que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência.

A cultura é associada à identidade local, e, portanto imaginada como oposta à globalização, ou seja, globalizar-se e defender a identidade. Em meados do século xx a cultura se tornou um objeto de estudos de grande relevância nas ciências sociais, sendo definidas com uma maior precisão nos conjuntos de processos de produção, circulação e consumo das significações na vida social. Na verdade não existe uma forma única de estudar os processos culturais num contexto social particular, pois existem vários fatores que interferem para cada área social resultando em vários conceitos particulares. O processo cultural abrange o conjunto dos processos sociais de significação, ele não é estagnado, e sim em movimentos e transformações.

Segundo Hall (2011) o conceito de identidade está em constante discussão desde as últimas décadas. O conceito tem passado por muitas críticas, causando conflitos de desconstrução nas perspectivas anteriores e fazendo com que novas identidades surjam. O indivíduo anterior era considerado unificado, hoje o indivíduo moderno está se fragmentando. A partir do final do século XX mudanças estruturais estão transformando as sociedades modernas, transformando também nossas identidades pessoais, descentrando o indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. Para entender as questões que envolvem as identidades, o autor caracteriza três concepções de identidade, o sujeito do iluminismo que tinha como base o conceito de centralidade no indivíduo e sua racionalidade. O sujeito sociológico seria caracterizado por sua capacidade de interação social, entre o eu e a sociedade e o sujeito pós-moderno caracterizado como fragmentado e várias identidades. Para o autor, a identidade anterior interligava o sujeito à estrutura, ou seja, o indivíduo e os mundos culturais se estabilizam de uma forma mais unificada no lugar em que habitam. Justamente o autor destaca estas mudanças, em que o indivíduo neste período pós-moderno está se tornando fragmentado e assimilando várias identidades, algumas contraditórias e conflituosas.

Entender identidade cultural é poder compreender as mudanças do tempo onde o moderno possa conviver com o tradicional, ou seja, é preciso que o moderno e o tradicional se vinculem na mesma sociedade, que as ideias, costumes e características possam ocupar

o mesmo espaço podendo ser vivenciadas pelos mesmos atores sem que uma substitua a outra.

Segundo Castells(1999) a identidade se dá por meio de um conjunto de significados culturais, ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados sob outras fontes de significados. Estas fontes de significados se originam dos próprios atores, construídas por eles por meio de um processo individual.

Para Larrain (2003) a construção da identidade é entendida como um processo cultural, social e material, em que os atores se identificam a partir de categorias de significados nas relações de diferenciação com o outro.

Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (SILVA, 2000, p.109).

O indivíduo traduz as representações de sua cidade historicamente através de relações pessoais que são dadas pelo convívio em sociedade construído por meio do lugar onde vivem. Hábitos, culturas e práticas sociais de determinados lugares influenciam diretamente na vida do indivíduo, e cada grupo busca evidenciar determinadas características como sendo pertencentes à sua identidade cultural. As identidades não nascem com nós, mas são formadas e transformadas ao passar do tempo, portanto o processo da construção da identidade regional se dá por meio de construções, conflitos, lutas simbólicas, cultural, social e material.

2.3 Fotografia e o texto não verbal

Cada vez mais se percebe a importância das imagens para a divulgação de um território como produto de consumo e propagação. Muitas cidades constroem sua imagem com a finalidade de ser conhecida como um destino diferenciado e atrativo tanto no regional como no global. Sua definição envolve vários significados e apropriações do seu uso, o que percebemos em comum é a sua capacidade de informar.

A fotografia, desde o seu surgimento, foi utilizada como forma de representação pelo homem, dando forma aos seus conceitos de realidade. Registrar momentos, fatos e acontecimentos fazem parte de um contexto histórico que busca eternizar sentimentos e

emoções. Descobrir a essência das imagens é buscar a nossa própria essência. Portanto, as imagens são relações dos homens com o mundo, que pretendem representar algo no espaço e no tempo. A fotografia tem sido utilizada como um grande meio de expressão artística, sendo um eficiente contribuinte nas áreas de investigação, planejamento e divulgação, despertando cada vez mais interesse de profissionais de diferentes áreas das ciências humanas, onde a fotografia serve como instrumento de conhecimento, análise e reflexão.

Nos conteúdos dos documentos fotográficos se agregam e se mesclam informações e interpretações: culturais, técnicas, estéticas, ideológicas e de outras naturezas, que se acham codificadas nas imagens. Essas interpretações e/ou intenções são gestadas (antes, durante e após a produção da representação) em função das finalidades a que se destinam, as fotografias refletem a mentalidade de seus criadores. (Kossoy 2007, p.153)

O uso da imagem, muitas vezes, dispensa a utilização de uma teoria, explicação, argumentos e palavras. É a maneira de propagar ideologias podendo se tornar referências mundiais e a preservação da memória através de determinados fatos e acontecimentos de épocas passadas e espaços geográficos, auxiliando em fontes de pesquisa para outros estudos.

Cartier-Bresson (2004) ressalta a importância de um registro e a responsabilidade incumbida a um fotógrafo. Entende-se a necessidade de ser um profissional com sensibilidade, ou seja, exato para que uma determinada imagem represente importância de um determinado local, sem que passe despercebido diante das lentes e do indivíduo.

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa um momento preciso. Nós jogamos com coisas que desaparecem, e quando desapareceram, é impossível fazê-las reviver. (CARTIER-BRESSON, 2004, p. 19)

Para Collier (1973) a fotografia permite observar os fatos e acontecimentos passados, podendo visualizar quantas vezes forem necessárias para um estudo, pesquisas e divulgação, permitindo assim, análises críticas sob o registro fotográfico e contribuindo para uma observação, análise e crítica visual.

A arte fotografada é um processo da abstração legítimo na observação. É um dos primeiros passos na expressão mais apurada da evidência que transforma circunstâncias

comuns em dados para elaboração na análise de pesquisa. As fotografias são registros preciosos da realidade material. Elas são também documentos que podem ser organizados em arquivos de consulta direta e arquivos remissos, como se fossem verbais. A evidência fotográfica pode ser reproduzida infinitamente, aumentada ou reduzida na dimensão visual, ajustada a muitos esquemas de diagramas, e através de estudo científico a muitos modelos estatísticos. (COLLIER, 1973, p. 7)

Segundo Collier(1973) a máquina fotográfica se torna um auxiliadora para a percepção das limitações visuais do individuo, tornando-se uma extensão instrumental dos sentidos e aprimorando a sensibilidade humana. De certa forma a fotografia é um aspecto da realidade, é uma linguagem não-verbal entendida inter e transculturalmente, portanto cada vez mais o individuo pensa fotograficamente e se comunica fotograficamente. Para Camargo (1999) a fotografia possui instrumento próprio, capacidade de captação, preservação e transmissão de informações, portanto as imagens fotográficas possuem características visuais particulares próprias.

Conforme Ferrara(1888) o texto não-verbal são signos aglomerados fragmentados e descontínuos que não substituem o verbal, mas interligam entre si, ou seja, o visual, sonoro, tátil, olfativo e outros códigos se tornam explicativos por si próprios dispensando muitas vezes palavras e frases. A cidade é o espaço do texto não-verbal, que se reproduz, se completa e se altera conforme o ritmo e a velocidade do individuo, é o lugar onde a comunicação de massa e as práticas culturais se articulam. Deste modo os textos não-verbais são códigos que se identificam e se incorporam a cidade, de acordo com o modo que nela se apropriam.

Segundo Ferrara(1988) a cidade que se adapta as diversas linguagens peculiares que nela se desenvolveu, traduz uma cidade que se produz como informação, transformação e imaginação e não uma cidade que é dada, assim o espaço se torna o resultado de um conjunto de atividades vivenciadas pelo individuo. A partir do momento que o individuo relaciona e caracteriza o espaço como percepção e apropriação, o espaço não se torna somente lugar, mas sim em um ambiente de produção cultural de linguagem, transformando o espaço projetado em manifestações sócio-culturais como estética, escultórica, de natureza única, expressiva, espiritual e distante. Dessa forma o autor destaca o individuo com o meio:

Elaborar o contexto e o usuário como entidades sociais, econômicas e culturais ao mesmo tempo supõe apreender o espaço como lugar. Inversamente, apreender o espaço como um dado, ou seja, sem contextualizá-lo processualmente, significa apreender o contexto como um lugar onde se agrupam ou se somam espaços. Os textos não-verbais grafados no espaço urbano não só o preenchem mas constituem marcas, sinais, pontos de referência que garantem um trânsito informacional da cidade com o usuário e criam, produzem, contextualmente, os lugares, os “pedaços”urbanos. Avenidas, bairros, ruas, zonas, quarteirões. Os textos não-verbais qualificam as peculiaridades da cidade e, com isso, a identificam. (FERRARA,1988,p.14)

Ferrara (1988) identifica a leitura não-verbal como a leitura fotográfica, ou seja, é a leitura do espaço em um ritmo acelerado e simultâneo. Para Flusser (2002) atualmente os textos estão cada vez mais imaginativos e as imagens conceituais

Os textos não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenômenos, significam ideias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Em outros termos: a escrita é metacódigo da imagem. (FLUSSER, 2002, p.10)

4 Área de estudo e percurso metodológico do estudo

Para essa pesquisa foi analisado as condicionantes da territorialidade subjetiva da área urbana de Santa Cruz do Sul, e as diferentes identidades culturais, precisamente nas Ruas Marechal Deodoro, Assis Brasil e Ernesto Alves.

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico para analisar os diferentes conceitos utilizados no trabalho para, caracterização das condicionantes da área urbana de estudo.

Para análise utilizou-se uma abordagem qualitativa, onde foi aplicado um estudo exploratório descritivo, realizado por meio da observação sistemática do lugar em momentos diferentes no decorrer do dia e semana, registrando os momentos com fotografias, onde foram analisados as seguintes variáveis:

- a) Suas características
- b) Sua funcionalidade, fluxo e frequentadores
- c) Práticas territoriais/sociais.

Gil (1987), afirma que a pesquisa social exploratória é satisfatória quando o fenômeno estudado ainda é novo; já a pesquisa social descritiva é utilizada quando se pretende descobrir as características de um grupo ou fenômeno ou a relação entre variáveis.

Assim o autor ressalta que a pesquisa descritiva vai além da simples identificação de relações entre variáveis, mas suscita descobrir sua natureza. Esse cruzamento entre os dois tipos de pesquisa é favorável quando ocorre a necessidade de se ter uma atenção diferenciada sobre o problema proposto.

A coleta de dados deu-se a partir da observação e registro de campo dos elementos acima descritos para análise. A fotografia teve grande importância, pois possibilitou o suporte as descrições e ilustraram a dinâmica territorial e as diferentes identidades culturais do lugar estudado.

5 METODOLOGIA DA TERRITORIALIDADE SUBJETIVA URBANA DA ÁREA DE ESTUDO

Conforme Ferrara(1998), a cidade é uma interpretação do solo fisicamente urbanizado e o solo onde os indivíduos realizam atividades, ou seja, ela se consolida como cidade no momento em que ela é o palco de vivências múltiplas e as relações humanas

O objetivo de criar uma identidade para o local faz com que despertem novos olhares, atraindo novos indivíduos para um território, onde os produtos e serviços resultarão de uma rede construída pelas manifestações culturais e sociais envolvendo recursos da cidade, modos tradicionais de produção, costumes e hábitos de consumo, fortalecendo e difundindo a economia produtiva local para o global.

Conforme Santos (1997) mesmo que os interesses hegemônicos sejam mais fortes, os lugares podem fortalecer-se horizontalmente por meio de particularidades construídas por ações conjuntas do local, aumentando sua produtividade.

Fotografia 1- Rua Assis Brasil



Fonte:Elisangela Rudiger Johann, 2014

A Rua Assis Brasil, ao longo do seu percurso apresenta diferentes usos existindo áreas comerciais e residenciais. Sendo possível encontrar postos de gasolina, restaurantes, farmácias, revendas de veículos, seguradora de imóveis, residenciais, prédios comerciais, entre outras. Durante os dias da semana apresenta um fluxo intenso de pessoas que se locomovem principalmente com carros. Os horários de maior movimentação foram identificados pelas primeiras horas da manhã, quando ocorre a saída dos moradores que residem ao longo dessa rua para o estudo e trabalho, bem como a chegada de pessoas para trabalhar nas atividades comerciais e serviços localizados na Rua Assis Brasil. Ao meio dia, devido ao almoço o fluxo de pessoas e transito se intensifica novamente em busca de restaurantes e do próprio domicilio para almoçar. No final da tarde ocorre o fluxo inverso da manhã, as pessoas que trabalham em outros locais retornam para suas residências e as pessoas que trabalham ao longo da Rua Assis Brasil que residem em outros locais retornam as suas casas.

Fotografia 2- Rua Assis Brasil



Fonte: Elisângela Rudiger Johann, 2014

Em alguns horários do dia, a movimentação de papeleiros e andarilhos aumentam pela via, em busca de lixo, materiais para reciclagem, alimentos, roupas.

Fotografia 3- Rua Assis Brasil



Fonte: Elisângela Rudiger Johann, 2014

Ao anoitecer a Rua Assis Brasil assume uma funcionalidade diferenciada, onde se destaca a prostituição de mulheres e principalmente de travestis, percebendo-se uma territorialidade subjetiva. Esse mercado da prostituição atrai um público diferenciado, conforme relatos informais das profissionais do sexo, como elas se denominam, a maioria dos seus clientes são homens casados acima de 30 anos. Portanto sendo essa a causa da movimentação maior de pessoas e veículos na rua.

Fotografia 4- Rua Ernesto Alves



Fonte: Elisangela Rudiger Johann, 2014

Observando e analisando a Rua Ernesto Alves, constata-se que o uso da sua via é majoritariamente composto por uma gama de serviços. Ao longo da via se localizam: Fórum, OAB, Delegacia de Polícia Civil, a 6ª Coordenadoria Regional de Educação, INSS e a Secretária Municipal de Saúde de Santa Cruz do Sul.

Fotografia 4- Rua Ernesto Alves



Fonte: Elisangela Rudiger Johann, 2014.

Em relação ao comércio se destacam restaurantes, padarias, super mercados, lojas e bazares. Existe uma pequena quantidade de prédios residenciais. Um destaque da infraestrutura do entorno dessa via é a Praça da Estação Férrea, uma área de lazer que

apresenta um museu, uma pista de skate, equipamentos de ginástica, uma vasta área de recreação qualificando a vida urbana do local.

Durante o dia, o uso desta via se dá na maioria pelos idosos, como descanso, passeio, encontros, a prática de exercícios nos aparelhos de ginástica. Ocorrem durante o ano feiras, shows e outros entretenimentos para a comunidade Santa-Cruzense. Nos finais de semana o fluxo de pessoas intensifica, sendo a maioria famílias que trazem os filhos e animais de estimação para passear e se divertirem na praça de recreação. Percebe-se uma mobilidade intensa diariamente de pessoas nessa via, devido a localização de um ponto de ônibus. Várias linhas de ônibus de municípios da região param para embarque e desembarque de passageiros nesse ponto.

Fotografia 5- Rua Ernesto Alves



Fonte: Elisangela Rudiger Johann, 2014

Entardecer para a noite o uso da pista de skate se intensifica, diversos grupos de jovens de aproximadamente dos oito aos dezoito anos se encontram para praticar o esporte e ouvir músicas. Percebe-se encontros de grupos juvenis que buscam diversos gêneros musicais e casais de namorados circulando.

Fotografia 6- Rua Marechal Floriano



Fonte: Elisângela Rudiger Johann, 2014

A Rua Marechal Floriano é uma das principais ruas de Santa Cruz do Sul, constituem-se ao longo de sua via diferentes usos, existindo áreas comerciais e residenciais, sendo possível encontrar lojas de diversos segmentos, como vestuários, eletrodomésticos, perfumarias, bazares, óticas, livrarias entre outras. Por ser uma via de grande fluxo, ela oferece serviços de bancos, o Colégio Marista que possui uma grande estrutura para a população, farmácias, no entorno da Rua se encontra o hospital Santa Cruz, posto de gasolina, cafeterias e uma variedade de restaurantes de comidas típicas que atende os diferentes públicos.

O cenário no mês de outubro se encontra mais movimentado e ornamentado em virtude da festa mais conhecida da região, a famosa Oktoberfest, que atrai diversos turistas que vem à cidade, para desfrutar da festa da alegria e aproveitam para conhecer a cidade. Quem vem até Santa Cruz Sul dificilmente deixa de conhecer a rua central da cidade, recheada de atrativos e opções de entretenimento.

Neste sentido Santa Cruz do Sul se enquadra nesta perspectiva ela criou uma marca ligada a cultura local, onde sua história cria um afeto entre a comunidade e sociedade sendo uma das cidades mais visitadas do Brasil em busca de chopp, culinária e diversão.

Fotografia 7- Rua Marechal Floriano



Fonte: Elisangela Rudiger Johann, 2014

Durante a semana, os horários de maior movimentação foram identificados pelas primeiras horas da manhã, por pessoas que passam pela via para chegarem ao trabalho, ou pessoas que trabalham no comércio localizado na Rua Marechal Floriano, ocorre ainda à saída dos moradores que residem ao longo dessa rua para o estudo, trabalho e passeio. Ao meio dia, o trânsito se intensifica aumentando o fluxo de pessoas e automóveis. A saída de moradores, trabalhadores e estudantes em busca de restaurantes e do próprio domicilio para almoçar. No final da tarde ocorre o fluxo inverso da manhã, as pessoas que trabalham em outros locais retornam para suas residências e as pessoas que trabalham na via que residem em outros locais retornam as suas casas.

Fotografia 8- Rua Marechal Floriano



Fonte: Elisangela Rudiger Johann, 2014

Ao percorrer esta via, é possível observar a diversidade de culturas e gêneros presente na cidade, que hoje abriga diversas etnias e imigrantes. Frequentemente motoristas e pedestres deparam-se com malabaristas, que buscam no trabalho informal uma forma de sobreviver.

Na mesma via ainda, situa-se a Praça Getúlio Vargas, espaço ocupado por diversos indivíduos que se encontram para uma simples conversa, jogos de cartas ou ainda para divertimento e descanso. A praça também abriga diversas feiras e eventos que instigam a população a frequentar e desfrutar das belezas que o ambiente propicia. Nos finais de semana, os espaços de lazer se intensificam ainda mais. A busca pela religiosidade, faz com que fiéis, visitantes e turistas venham prestigiar celebrações organizadas pela Catedral São João Batista.

Fotografia 9- Rua Marechal Floriano



Fonte: Elisângela Rudiger Johann, 2014

Ambulantes ocupando calçadas divulgando seus produtos, seguidores de diversas doutrinas divulgando seus conhecimentos e crenças, e grupos de jovens dissipando um “novo” olhar do cotidiano.

No momento em que a sociedade local se sente parte de uma história, ela cria uma proximidade, assim sua interação com o seu lugar, cidade será muito maior. Pode-se dizer que se trata de um sentimento de territorialidade, dos atores pelo território em que estão instalados e sua cultura e práticas ativamente deste processo. Para Milton Santos:

o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence... esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça

humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos é privilégio do homem. (SANTOS, 2001, p.19)

Fotografia 10- Rua Marechal Floriano



Fonte:Elisangela Rudiger Johann, 2014

Fotografia 11- Rua Marechal Floriano



Fonte:Elisangela Rudiger Johann, 2014

A noite, a Rua destacada abriga outros atores, que à ocupam por lazer, técnicas de estudo, encontros, grupos indígenas e até por quem não tem para onde ir. Durante à noite o uso de alguns territórios se alteram, transformando a visão do local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como enxergamos a cidade, a nossa volta reflete o passado e o presente no qual vivemos hoje. Inicialmente o modo de apropriação se dava exclusivamente pelo território, pelo que a terra em si poderia oferecer, e pelas condições que o homem conseguia lidar. Com o acréscimo da tecnologia, o ser humano foi aos poucos modificando seus aspectos e criando diferentes territorialidades na cidade.

Buscar compreender o território de diversos lugares em que os atores sociais interagem com o meio é conflituoso, dessa forma o papel da identidade cultural no desenvolvimento regional se torna fundamental para poder perceber o território como algo que se constrói em tempos e espaços determinados por meio de suas próprias características, como processos históricos e naturais. Portanto o território contribui para a construção das identidades, constituindo-se como palco privilegiado onde ocorrem as interligações que estão em constante mudança.

A identidade cultural atravessa gerações esbarrando em novos paradigmas, e aos poucos moldando-se de acordo com as novas culturas entrantes. Dessa forma, a construção identitária seria um processo de constante reinvenção do ser humano frente às transformações do mundo que o circunda. Compreender, portanto, como este processo ocorre na vida do indivíduo e como ele se apresenta.

Para Ferrara (1988) toda prática social é cultural por possui significados e representações. O modo como o indivíduo se veste, a maneira como ele se locomove, a escolha de modelos e cores, de certa forma caracteriza o padrão de gostos, preferências, valores da identidade do indivíduo como classe social, é a forma de representação da imagem a ser comunicada.

De acordo Hall (2011) os fatores de impacto da globalização sobre a identidade estão direcionadas com o tempo e o espaço, envolvida nos processos de representação, que se dá por meio da escrita, pintura, desenho, fotografia e outras simbolizações por meio das artes. As representações simbólicas possibilitam o indivíduo a rever a sua história, identificar cidades, lugares, paisagens, etc. A homogeneização cultural das identidades num mundo pós-moderno vem sofrendo um impacto e fazendo com que várias mudanças na sociedade aconteçam.

Por meio das fotografias apresentadas é possível observar as diferentes identidades culturais, o modo como elas se manifestam em um espaço territorial, e os diferentes indivíduos que alteram em determinados espaços do tempo. Pelas imagens podemos perceber a diversidade e a quantidade de culturas existentes na região de Santa Cruz do Sul, embora analisado apenas neste trabalho as Ruas Marechal Deodoro, Assis Brasil e Ernesto Alves, as quais se representam pelo grande fluxo de pessoas.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, J. "Viagem em torno do território". In: Rosendahl, Z. e Corrêa, R.L.(orgs). Geografia Cultural: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1981.

CANCLINI, Néstor García. *Mercado e Interculturalidade*. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 69-98.

CAMARGO, Isaac Antonio. *Reflexões sobre o pensamento fotográfico: introdução às imagens, à fotografia e seu ensino*. 2.ed., rev. e ampl. Londrina: Ed.UEL, 1999.

CARTIER, Henri Bresson. *O imaginário segundo a natureza*. Barcelona: GG, 2004. 99 p. ISBN 84-252-1958-2

COLLIER JR., John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, 1973.

CORREA, Roberto Lobato Corrêa. *O espaço urbano*. São Paulo: Ed. Átila, 1996.

ETGES, Virginia Elisabeta. *A região no contexto da globalização: o caso do Vale do Rio Pardo*. In: VOGT, Olgário e SILVEIRA, Rogério. Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc. 2001.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: EDUSP, 1993.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1998

FELIZARDO, Luiz Carlos. *A fotografia de Luiz Carlos Felizardo*. Porto Alegre: Brasil Imagem, 2011.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta : ensaios para uma futura filosofia da fotografia 1*. ed. São Paulo: Annablume, 2002. 107 p. (Conexões ; 15) ISBN 978-85-591-0210-5

GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1987.

HAESBAERT, Rogério. *Da Desterritorialização a Mutiterritorialidade*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.



- HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. Des-caminhos e perspectivas do Território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. *Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens*. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.
- HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997a
- HALL, Stuart. *Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior*. In: Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais. Liv Sovik (Org); Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- LIMONAD, Ester. *Brasil, século XXI – regionalizar para que? Para quem?* In: LIMONAD et al. *Brasil Século XXI – por uma nova regionalização*. São Paulo: Max limonad, 2004
- KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. França. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SANTOS, Milton. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método. Espaço e Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- SANTOS, Milton. *Território e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- SOUZA, Marcelo Lopes. *ABC do desenvolvimento Urbano*. In: Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, 2008.
- TRINDADE JR, Saint-Clair C. *Agentes, Redes e Territorialidades Urbanas*. In: Revista Território, nº5, jul/dez, 1998.